



GT 20. Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital

Coordenador(es):

Débora Krischke Leitão (UQAM - Université du Québec à Montréal)

Laura Graziela F. de F. Gomes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Jair de Souza Ramos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 3

Debatedor/a: Eliane Tânia Martins de Freitas (UFRN)

Nos últimos anos, eventos políticos importantes foram concebidos e produzidos utilizando a mineração e análise de dados nas redes e motores de busca. Dados estes, pertencentes a milhões de usuários que tiveram suas informações vasculhadas, roubadas e utilizadas através de metodologias específicas por governos, partidos políticos, think tanks e empresas privadas. Para além das crises políticas e éticas desencadeadas, a euforia em torno dos “big data” reforçou a idéia implícita de que essas metodologias de pesquisa e análises utilizadas não deixariam mais lugar para outras abordagens qualitativas. Debates em torno dos “thick data” surgiram como reação a essa perspectiva, propondo que abordagens mais etnográficas das plataformas digitais são necessárias para dar conta de uma cultura digital diversificada, ao mesmo tempo global/local, incorporando a dimensão das emoções, da experiência e do significado. O presente GT tem interesse especial em reunir pesquisas etnográficas sobre diferentes modos e estilos de envolvimento com as plataformas digitais enfatizando a produção de subjetividades e exercícios imaginativos de experimentação nos cruzamentos e hibridizações com a tecnologia. As plataformas digitais divergem entre si quanto aos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação -, ao mesmo tempo em que tornam a rede heterogênea, criando obstáculos às generalizações e reduções.

Plataformas streaming, lazer e sociabilidade entre jovens

Autoria: Sabrina Lima da Silva (UFG - Universidade Federal de Goiás)

O Oxford Dictionary conceitua o termo Binge Watch como a prática de assistir uma certa quantidade de episódios seguidos em uma ocasião, em DVD ou plataformas streaming. No entanto, o que o dicionário não nos diz são as motivações e possíveis implicações desta prática. Desse modo, o objetivo deste pôster é investigar os estímulos que desencadeiam esse consumo, caracterizado por sua intensidade e duração. A investigação se realizou através de pesquisas e diálogos com a bibliografia existente sobre o fenômeno de Binge Watching e na execução de entrevistas semiestruturadas com um grupo de jovens do corpo discente da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tal grupo se constituiu por jovens universitários de 18 a 24 anos, provenientes de diferentes cursos e unidades da universidade. O critério de seleção se deu em razão de possuírem a particularidade de terem vivenciado boa parte de suas vidas inseridos nestas tecnologias, e por possuírem uma maior familiaridade e vivências envolvendo tais ferramentas do que faixas etárias anteriores. Tudo isso se intensifica a partir de um processo de inserção em outros grupos que diferem dos de



socialização primária, e por serem pessoas que estão em um momento de assimilação de normatividades sociais e de sociabilidade definida em contexto universitário. Desse modo, para fins desta investigação, nos utilizamos de conceitos que nos remetem as questões subjetivas relativas ao consumo, como o conceito de Bauman (2008) sobre a obsolescência do ser ? caracterizado como a necessidade de atualização constante. Outra categoria importante acionada para realizar a análise e observação neste work se trata do conceito psicanalítico "Fear of missing out", desenvolvido por Dan Herman e posteriormente definido por Andrew Przybylski e Patrick McGinnis (2004). Tal conceito poderia ser traduzido a partir da expressão "medo de ficar de fora", isto é, algo que nomearia a sensação de não ter as mesmas experiências que outras pessoas estariam tendo em determinada situação ou momento e, como no caso aqui em questão, produzem também temores relativos a não participação na audiência e nas conversações on-line sobre determinados produtos audiovisuais muito populares e massivamente consumidos por espectadores da faixa-etária da qual fazem parte estes jovens. Logo, com essa iniciativa de pesquisa, a intenção foi a de descobrir e abordar as nuances que permeiam as dinâmicas sociais envolvidas no fenômeno do Binge Watch através de relatos e das vivências dos interlocutores, realizando uma análise amparada pela bibliografia existente. Estes modos de sociabilidade contemporâneos revelam e ressaltam as diferentes maneiras pelas quais os jovens constroem e lidam com processos de isolamento e coletividade a partir de diferentes plataformas digitais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: